



II Simpósio de Pesquisa do Ecosistema Ânima:

Juntos pelo Conhecimento: um novo saber cria um novo amanhã

ATITUDES DE PROFESSORES(AS) UNIVERSITÁRIOS(AS) FRENTE À MORTE, PERDAS E LUTO

Rosana Simões Domingues¹; Karina Fernanda Silva Espindola²; Dandara Camélia da Silva Domingues³; Dr. Rodrigo Jorge Salles (orientador)⁴.

Resumo:

Compreendendo que as discussões sobre a morte, frequentemente, são percebidas como um tópico que gera estranhamentos e desconfortos, influenciando, por sua vez, crenças, valores e tradições culturais em diversas sociedades, este estudo buscou avaliar como educadores de nível superior recebem essa temática. Realizou-se uma pesquisa de campo de natureza descritiva e transversal com abordagem quantitativa, envolvendo 37 professores universitários de diversas áreas, incluindo Ciências Biológicas, Saúde, Humanas, Sociais Aplicadas, Exatas e Engenharias. A coleta de dados incluiu questionários sociodemográficos e questionários sobre educação para a morte. Os resultados destacam a necessidade de incorporar a morte e o luto na formação de educadores para garantir estratégias de apoio quando questões relacionadas a esses temas surgirem. Portanto, é fundamental promover uma educação para a morte que estimule o debate e a discussão sobre essa temática relevante para a sociedade, dada a lacuna existente nesse campo.

Introdução:

A morte é uma questão biológica inevitável e uma etapa do processo natural e universal da vida de todos os seres vivos. Kovács et al., (1992, p. 10) define: “em

¹ Universidade São Judas Tadeu (USJT), rosana.sidom@gmail.com;

² Universidade São Judas Tadeu (USJT), Kfespindola@yahoo.com;

³ Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento da Universidade São Judas Tadeu (PGCE/USJT), psidandaradomingues@gmail.com;

⁴ Docente da graduação em Psicologia e do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências do Envelhecimento da Universidade São Judas Tadeu (PGCE/USJT), rodrigo.salles@saojudas.br.



termos de função, a morte se caracteriza pela interrupção completa e definitiva das funções vitais de um organismo vivo, com o desaparecimento da coerência funcional e destruição progressiva das unidades tissulares e celulares.”. Por ser um processo de finitude, muitas vezes é vista como algo terrível, do qual evita-se falar e a maneira como uma sociedade lida com ela é um reflexo intrincado de suas crenças, valores e tradições culturais. Segundo Klubber-Ross (1996, p. 19), existem muitas razões que justificam a resistência em receber a morte com tranquilidade, visto que morrer tornou-se algo triste e solitário e, em alguns casos, até mesmo desumano. De acordo com a autora, a medicina com seus avanços permitiu a erradicação de muitas doenças, onde “moléstias infecciosas e quase sempre fatais puderam ser tratadas com o uso de antibióticos” (p. 13). Em contrapartida, a autora levanta reflexões sobre o ato de “viver mais”, que é cercado na velhice por doenças crônicas e muitos outros males. Para Hermes et al. (2013, p. 9) a morte é um tabu que deve ser desconstruído por todas as categorias, onde a dificuldade em lidar com ela leva muitos profissionais a buscarem caminhos alternativos para esse não enfrentamento, como mascarar a morte, fugir dos pacientes em cuidados paliativos, não falar com eles sobre o assunto e não criar vínculos. Como parte do processo de repensar a abordagem da morte no cotidiano, Kovács (2012) chama a atenção para o papel dos educadores: “A formação do educador precisa ser repensada para incluir a questão da morte, luto, comportamentos autodestrutivos e formas de acolhimento” (KOVÁCS, 2012, p. 76). A morte e o morrer possuem uma relação profunda com a existência, e aqui, reside a sua complexidade. Estudar e conhecer é o meio de trazer luz, àquilo que antes era visto nas sombras. Iluminar a morte é dar sentido à vida, é abrir espaço para uma relação mais saudável com ela. Oferecer recursos ao sujeito para enfrentar com diligência as demandas do luto. Passo importante para ele e para toda a sociedade. O caminho para isso é, e sempre será a Educação, por meio dos seus educadores. Sendo assim, o objetivo desta pesquisa é cobrir a lacuna encontrada e compreender como o profissional educador de nível superior recebe o tema da finitude. Visto que o docente universitário como elemento de transmissão de conhecimento pode auxiliar na construção de uma rede de apoio, junto aos futuros profissionais que ele ajuda a formar e que é a ligação com a sociedade, por meio de suas famílias.



Palavras-chave: morte; tanatologia; docentes universitários.

Métodos:

Trata-se de um estudo de campo de natureza descritiva e transversal, com abordagem quantitativa. A amostra foi composta por 37 participantes, professores universitários, das áreas das Ciências Biológicas e da Saúde, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas e Ciências Exatas e Engenharias. Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário sóciodemográfico com dados pessoais do participante como, nome, data de nascimento, sexo, estado civil, profissão e um questionário sobre informações pertinentes à educação para a morte. Os dados foram coletados a partir do compartilhamento de um formulário Google contendo os instrumentos de pesquisa. A análise dos dados quantitativos foi realizada inicialmente a partir da sistematização de forma descritiva. A partir da obtenção desses dados, foi feita análise quantitativa para traduzir em estatísticas os resultados dessa coleta, a partir da tabulação organizada na plataforma Microsoft Excel® 2016. Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), da Universidade São Judas Tadeu (USJT), através do parecer 6.223.890 e CAAE 70439123.7.0000.0089.

Resultados e Discussões:

Com base nos dados obtidos, pode-se observar que 67,6% dos participantes se identificam como mulheres cisgênero, enquanto 32,4% se identificam como homens cisgênero. Entre esses participantes, 94,6% se reconhecem como brancos, 2,7% como negros e 2,7% como amarelos/asiáticos. Em relação ao estado civil, 51,4% são casados, 40,5% relataram ser solteiros e 8,1% alegaram ser divorciados. Quanto à renda familiar, 89,2% informaram possuir renda acima de 6 salários mínimos, 5,4% de 3 a 4 salários mínimos e outros 5,4% de 5 a 6 salários mínimos. Dos 37 participantes, 94,6% são do estado de São Paulo, 2,7% são do Paraná e 2,7% são do Pará. No que concerne à área de atuação, 58,8% dos participantes relataram pertencer ao campo das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, 40,5% estão inseridos nas



Ciências Biológicas e da Saúde, ao passo que apenas 2,7% se encontram na esfera das Ciências Exatas e Engenharia. Importante destacar que 97,3% dos participantes são docentes em instituições de ensino privadas, ao mesmo tempo que os restantes 2,7% pertencem ao âmbito das instituições públicas. Do total de participantes, 86,5% relataram não possuir formação prévia sobre as temáticas de morte e morrer e apenas 13,5% informaram possuir alguma formação.

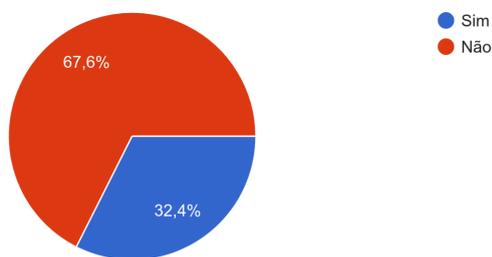


Figura 1: Total de participantes que relataram receber espaços de discussão ou formação continuada sobre assuntos ligados à morte e morrer em sua instituição de ensino superior.

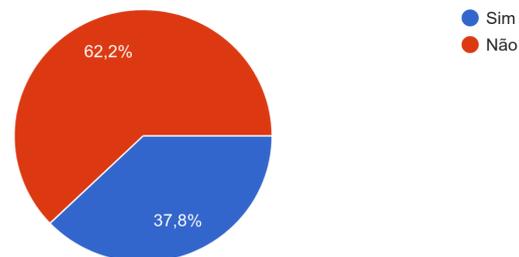


Figura 2: Total de participantes que trabalha/aborda o tema morte e morrer em suas aulas.

A partir das discussões relacionadas à temática da morte e do morrer, observa-se, conforme ilustrado na Figura 1, que apenas 32,4% das pessoas entrevistadas mantêm contato com programas de formação ou educação continuada em suas instituições de ensino e prática docente. Em contrapartida, 67,6% afirmaram que não há investimentos nessa área. Estes dados são refletidos na Figura 2, onde somente 37,8% abordam esse tema em suas salas de aula, enquanto 62,2% não incluem a temática em sua abordagem com os alunos. Conforme destacado por Kovács (2012), a temática da morte e as questões relacionadas ao luto devem estar incorporadas à formação dos(as) educadores(as), a fim de que estratégias de acolhimento estejam disponíveis quando tais questões surgirem. Portanto, é imperativo refletir sobre a necessidade de uma "educação para a morte", cujo propósito seja ampliar o debate e fomentar o conhecimento e a discussão sobre o tema, independentemente da área de atuação. Deve-se compreender que essa educação precisa ser expandida para todos os níveis educacionais, abrangendo as universidades e os(as) profissionais docentes que atuam nessas instituições, visto



que, a educação possui o potencial de transformação, sobretudo no que tange à compreensão da vida e de seus processos naturais, incluindo a finitude.

Conclusões:

Com base na análise dos dados, constata-se uma notável lacuna nos estudos sobre a morte e o processo de morrer no contexto acadêmico. Dado que a educação desempenha um papel crucial no contributo para uma transformação social positiva, enfatiza-se a importância de estimular o debate e criar espaços de discussão entre os professores do ensino superior. Esses docentes desempenham um papel fundamental na produção de conhecimento, e, ao fazê-lo, podem efetivamente catalisar mudanças significativas no âmbito social e individual, particularmente no que tange às questões relacionadas à morte e ao luto.

Referências:

HERMES, H. R. *et al.* Cuidados paliativos: uma abordagem a partir das categorias profissionais de saúde. **Fiocruz**. Rio de Janeiro, Vol. 18, n. 9, p. 1-13, set, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63028227012>. Acesso em: 06 nov. 2023.

KOVÁCS, M. J. Educadores e a Morte. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 12, n. 1, p. 71-81, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-85572012000100008>. Acesso em: 06 nov. 2023.

KOVÁCS, M. J. *et al.* **Morte e desenvolvimento Humano**. 1 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KUBLER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer**. 7º Ed. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1996.